



Ano 12
Edição nº 29
Dezembro/2020

ENFOQUE

NOTRE DAME

NOVO ENSINO MÉDIO

Entenda o que muda nas escolas em 2022

ENTREVISTA COM ARTHUR BENDER

Transformação digital e os novos desafios para as marcas

NOVA SEÇÃO

História de ex-aluna e enfermeira do “Médico Sem Fronteiras”

MARIA

Espiritualidade mariana na Congregação ND

SUMÁRIO

EDITORIAL - Construimos propósito pensando no futuro	3
ENTREVISTA - O impacto da transformação digital e os novos desafios para as marcas	4
ARTIGO GESTÃO EDUCACIONAL – Gestão escolar planejada	8
ARTIGO ESCOLA E FAMÍLIA - União ainda mais fortalecida	9
ARTIGO ATUALIDADES EDUCACIONAIS – Tecnologia e resiliência educativa	10
SERVIÇO DE ANIMAÇÃO VOCACIONAL - Serviço de Animação Vocacional Notre Dame	11
ESPIRITUALIDADE ND – Maria na Espiritualidade Notre Dame	12
ENFOQUE - Conheça o Novo Ensino Médio	14
JPIC – Pandemia convoca à solidariedade	18
PÁGINA DO EX-ALUNO - Taís da Costa: Muitas histórias na bagagem	19
PARTILHA DE BOAS PRÁTICAS – Dificuldades e avanços no processo pedagógico pós-pandemia	20
BIOGRAFIAS	
Irmã Juliana: Trabalho e dedicação em busca da realização da vontade do Criador	28
Elhonara Ribeiro: Paixão por ensinar também trouxe muitos aprendizados para a educadora	29
PROPOSTA PEDAGÓGICA NOTRE DAME – O Núcleo de Pedagogia ND	30
PÁGINA DO ALUNO – Escutar é um ato de amor	31

ESCOLAS NOTRE DAME

- Colégio Maria Auxiliadora - Canoas/RS
- Colégio Santa Teresinha - Taquara/RS
- Escola Madre Júlia - São Sepé/RS
- Escola Maria Rainha - Júlio de Castilhos/RS
- Escola N. S. Estrela do Mar - São Lourenço do Sul/RS
- Escola Sagrada Família - Rolante/RS
- Escola Sagrado Coração de Jesus - Pedro Osório/RS
- Escola Santa Catarina - Santa Maria/RS

EXPEDIENTE

Superiora Provincial: Ir. Vania Maria Dalla Vecchia

Projeto Gráfico e Diagramação: Michael Zeppenfeld

Produção: Tamires Hoff

Os artigos enviados são de responsabilidade dos respectivos autores

Coordenação: Vagner Paulo Maccalli

Foto da capa: Richar Feijó

Revisão: Claudia Rosana de Souza



 nd.org.br  51 3462.8600
 /redenotredame  @redenotredame
 Av. Guilherme Schell, 5888 - Canoas - RS

Construimos propósito pensando no futuro

Chegamos ao fim de 2020 e encerramos este ano letivo de maneira diferente dos anos anteriores. Nossos abraços não serão possíveis. As incertezas impostas pela pandemia do coronavírus nos rondam. Certamente não somos as mesmas pessoas que iniciaram este ano. Aprendemos muito, nos adaptamos e mudamos. Sim, porque a mudança também faz parte da evolução, principalmente em um mundo que passa por uma transformação digital. Nossos valores, porém, seguem ainda mais fortalecidos, assim como nossos princípios educacionais da bondade, firmeza e competência.

Estamos atentos também às mudanças que estão por vir, como é o caso do Novo Ensino Médio. Este é o tema da reportagem especial desta edição da Revista Enfoque Notre Dame. Entrevistamos profissionais renomados, de importantes instituições ligadas à educação, para mostrar as principais alterações que estão previstas para as escolas em 2022, com adequações já a partir de 2021.

Ainda falando de mudanças, o palestrante e escritor Arthur Bender conversou conosco sobre os novos desafios das marcas. Junto à Rede Notre Dame, ele aprofundou estudos e pesquisas sobre as necessidades na área da educação e revela alguns destes resultados na página Entrevista.

Neste ano de atividades domiciliares, a relação entre escola e família foi ainda mais importante. A Enfoque traz relatos de pais e alunos das oito escolas da Rede ND, contando como essa união contribuiu para o desempenho dos estudantes.

Nas escolas, o processo pedagógico passou por transformações, e muitas delas devem ficar como legado após a pandemia. Na Partilha de Boas Práticas, as escolas da Rede contam como está sendo esse processo.

Nesta publicação, você poderá conhecer as histórias da Irmã Juliana Rossato, diretora do Sítio Notre Dame, e da professora de Informática da Escola Santa Catarina, Elhonara Diniz Ribeiro, nas páginas Biografia. Esta edição ainda tem uma novidade,

a nova seção que trará entrevistas com ex-alunos da Rede ND. A Revista Enfoque também traz artigos sobre Gestão Educacional, Atualidades Educacionais, Espiritualidade, entre outros temas.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade e deixar aqui o meu agradecimento a cada família, aluno, educador, Irmã, enfim a todos, pela coragem e dedicação no enfrentamento dos desafios deste ano. Nossa missão se realiza ao unirmos esforços, firmes no propósito Notre Dame e com olhos no futuro.

Boa leitura!



Ir. Vania Maria Dalla Vecchia

Superiora Provincial

Província Nossa Senhora Aparecida

O impacto da transformação digital e os novos desafios para as marcas

Tamires Hoff

FOTO: Eduardo Carneiro



Em 1999, um artigo da Revista Você S/A, que falava das pessoas como empreendimentos, provocou um despertar no palestrante e escritor Arthur Bender. Impactado com a ideia de pessoas como marcas, observou uma nova necessidade de gestão para elas, e foi aí que nasceu o Personal Branding. Vinte anos depois, essa paixão continua e o levou a escrever dois livros: “Personal Branding - construindo a sua marca pessoal”, best-seller que está na 14ª edição e se tornou uma referência para Gestão de Pessoas no Brasil, e “Paixão e Significado da Marca”, que trata da força dos propósitos nas organizações.

Bender preside a Key Jump, que atua no planejamento de estratégias de negócios e reposicionamento de marcas. Junto a Rede Notre Dame, ele aprofundou estudos e pesquisas sobre as necessidades na área da educação. Como resultado, o especialista em posicionamento de marcas destaca as três grandes expectativas dos pais em relação à escola dos filhos: ensino forte, instituição com princípios e valores e que ensine os filhos a pensar.

A transformação digital que afeta do ponto de vista do consumo e do relacionamento também interfere no que é aprendido e de que forma é acessada a informação, de acordo com Bender. A tecnologia traz novos desafios, mas alguns aspectos permanecem ou são fortalecidos mesmo com o passar dos anos, como a importância dos valores para as marcas, como frisa o escritor.

Revista Enfoque - Pelo teu trabalho com a Rede Notre Dame, qual é a marca da instituição que destacarias?

Arthur Bender - Não tenho dúvida em afirmar que são princípios e valores. Acho que este é o pilar, muito aliado ao ensino tradicio-

nal, ensino forte. Essa é uma expectativa dos pais, de que talvez uma coisa seja fundamental e que a escola pode ajudar: formar cidadãos mais éticos e mais íntegros. É disso que a sociedade precisa, talvez mais do que conhecimento técnico. O mundo precisa de gente íntegra, de gente cidadã, que possa fazer a transformação do mundo, e para isso precisa de princípios e valores. Na Rede Notre Dame, consigo encontrar isso muito visivelmente, uma relação forte de princípios e que geram, até mesmo, uma certa disciplina, aliado a um ensino muito forte.

Enfoque - Quando resolveste te especializar em *personal branding* e por quê?

Bender - Despertei para isso lendo um artigo da Revista Você SA, em 1999, muito interessante, que falava de as pessoas serem o empreendimento. Estava ligado a ideia do Tom Peters, um americano que criou a ideia da marca **Você** e lançou um livro em 99. Eu, impactado com isso, já planejava marcas e pensei: se as pessoas são marcas, elas vão precisar de gestão. Foi aí que nasceu o *personal branding*, esse *branding* de marcas pessoais. Faz 20 anos e foi uma paixão completa. Eu resolvi testar ferramentas, fiz pesquisas nacionais por minha conta, comecei a estudar sobre o assunto e hoje *personal branding* é um conceito que está difundido no Brasil inteiro, se encontra muita gente trabalhando com isso. Surgiu da minha curiosidade, se todas as ferramentas que a gente conhecia de marcas corporativas funcionariam com pessoas, e são estes conceitos que tenho sustentado até hoje.

Enfoque - Como ocorre a construção da imagem de uma marca corporativa?

Bender - Diria que tanto no branding do mundo on-line, quanto no off-line, uma marca precisa ser conhecida e reconhecida, acho que é o aspecto basilar. Se não reconheço a marca, eu não a considero na minha cesta de opções. O segundo degrau é a diferenciação. Nas marcas pessoais, a tendência é uma forte comoditização: advogados ficam iguais a outros

advogados, médicos a outros médicos. É preciso diferencial para que eu me destaque no meio desta manada corporativa. O terceiro

degrau, tão importante quanto os outros dois, é a relevância. Tenho que mostrar que a minha promessa de valor é relevante para alguém. Não vou ser relevante para todo mundo, mas preciso pensar, como marca pessoal, para

quem eu sou relevante e no que eu sou relevante. O trabalho em conjunto desses três pilares me leva a um quarto, que é a qualidade percebida, que a gente chama de estima da marca, ou seja, é ter a marca em alta conta. E, para ter a marca em alta conta, a gente parte do princípio de que ela é reconhecida, diferenciada e relevante. Todo esforço que a gente faz com estima da marca é para conseguir subir como marca mais lembrada, mas também ser a marca preferida.

Enfoque - Como as marcas devem buscar se diferenciar?

Bender - Falando no plano teórico, tanto de marcas corporativas, quanto de marcas pessoais, diria que a diferenciação está na forma de entrega. Não é só a qualidade do produto, porque a gente, como leigo, não sabe muitas vezes julgar a qualidade do produto, mas é a entrega, a “querideza” da entrega, é este conjunto todo que nos faz dizer: Que lugar maravilhoso! É o jeito de se relacionar, de captar. Dizemos hoje que as marcas podem se diferenciar muito pelo marketing de conteúdo. Em vez das empresas me procurarem e me prospectarem, me mandarem mensagens, elas passam a ser curadoras de conteúdo e eu procuro a marca, porque quero me informar sobre aquele assunto. Vou consumir o conteúdo e, quanto mais eu consumo daquela marca, mais amigo eu fico, mais próximo eu fico e mais propenso a consumir.

Enfoque - Qual é a importância dos valores para a marca?

Bender - Entra de forma basilar, porque os produtos estão muito iguais. A chance de diferenciação está no serviço, na experiência. Pense em marcas

regionais e locais, o que elas estão fazendo para que eu me identifique com elas? A sociedade passa por centenas de problemas sociais que me afetam. E cada vez mais a gente vai fazer essa pergunta: Mas o que tu estás fazendo pela transformação da sociedade? Aí entram os valores, os princípios e o propósito. Tem marcas com produtos muito bons, mas marcas canelhas, que não estão nem aí para a sociedade, principalmente pela visão dos “milleniuns”. Vamos fazer escolhas por marcas éticas, que realmente queiram transformar a sociedade em um lugar melhor.

Enfoque - Tens uma frase: “atitudes calam sua voz”. Como isso se reflete na imagem das marcas e também das pessoas?

Bender - Os teus exemplos falam tão alto que eu não escuto o que tu dizes. Essa cobrança de uma atitude coerente vai ser algo para a gente pensar, algo muito sério para as organizações. Não adianta investir milhões de dólares em propaganda e ter uma atitude incoerente. Às vezes, é no discurso do presidente, na força de vendas, na atitude do professor em sala de aula. Harmonizar, orquestrar que todo mundo fale a mesma coisa, que a organização seja regida pelos mesmos princípios e valores não é nada fácil quando há muitos seres humanos e muitos pontos de contato.

Enfoque - Hoje se fala muito em presença digital. O que definiria como uma boa presença digital para uma empresa?

Bender - Acho que tem que se fazer diferenciação entre presença digital e ser uma marca digital. Presença digital é muito fácil, mas o que os consumidores e o mercado exigem hoje é que o negócio seja pensado de forma digital. Estar presente pode ser ter um site, o que todo mundo pode ter, mas agir e se valer da transformação digital é o grande desafio

das marcas. É mais do que estar presente, é permitir que eu compre ou converse contigo “omnichannel”, expressão que a gente tem usado. É estar disponível em todos os canais, com a mesma qualidade de experiência.

Enfoque - Considera que as empresas estão preparadas para isso ou a pandemia tenha acelerado este processo?

Bender - A pandemia ajudou muito, porque o medo da morte faz empurrar alguns projetos que estavam trancados, procrastinados. Estamos imensamente distantes de uma transformação digital, a gente não tem nem presença digital.

Estamos caminhando a duras penas, entrando num outro mundo acelerado brutalmente e que a pandemia terrivelmente matou muitos negócios. Estamos aprendendo com a dor, mas ainda muito distantes de ter uma relação *omnichannel* com as marcas, de tirar partido da tecnologia e do humano. Em alguns aspectos a gente não avançou nem um ano, ainda somos mal atendidos nos princípios básicos.

Em alguns aspectos a gente não avançou nem um ano, ainda somos mal atendidos nos princípios básicos.

Enfoque - Na tua avaliação, o que é construir legado?

Bender - Acho que é o resultado da tua obra. Não interessa o tamanho da tua obra, se é criar uma instituição, uma grande revolução, ou se é a tua família, o teu bairro, duas ou três pessoas à tua volta. A obra, para mim, é quanto tu impactas os outros; crescimento não é algo individual, solitário, mas eu cresço quando faço os outros crescerem comigo, em todos os sentidos. Então, se eu levar comigo uma única pessoa, posso dizer que tenho uma obra, que ajudei e colaborei para a transformação de alguém. É menos futilidade, menos vaidade, é dar a vida por algo que tenha alguma transformação.

“Os teus exemplos falam tão alto que eu não escuto o que tu dizes. Essa cobrança de uma atitude coerente vai ser algo para a gente pensar, algo muito sério para as organizações.”

“Na Rede Notre Dame consigo encontrar isso muito visivelmente, uma relação forte de princípios e que geram, até mesmo, uma certa disciplina, aliado a um ensino muito forte.”

Enfoque - Qual é o legado que tu pretendes deixar?

Bender - Eu trabalho muito com a ideia de provocar reflexão. Trabalho isso com Personal Branding e tento fazer isso com as empresas. Acho que não teve nenhuma marca que eu tenha planejado, desde Marcopolo a Gerda, que não tenha procurado levar a empresa para esta visão que defendo, de que as empresas precisam ser maiores que seus produtos, que elas precisam ter impacto social, precisam ser responsáveis pela transformação. Esta é parte da minha obra: provocar que grandes empresas estejam conscientes disso. Em relação às pessoas, a minha concentração é fazer refletir. Fujo da autoajuda melosa, de dizer que as pessoas são maravilhosas. Meu caminho é muito mais provocar o impacto, o enfren-

tamento da nossa própria verdade, única forma de se conhecer mais e crescer de forma sustentável.

“Acho que não existe chance para os profissionais ficarem estacionados. A gente vai precisar buscar autogestão por conta. Ficar parado significa andar para trás.”

Enfoque - Gostaria de acrescentar algo?

Bender - Acho que não existe chance para os profissionais ficarem estacionados. A gente vai precisar buscar autogestão por conta. Ficar parado significa andar para trás. Muitas profissões estão sendo desregulamentadas no mundo. A gente nem sabe se vai colocar o filho numa faculdade e daqui a três ou quatro anos vai existir aquela profissão. Precisamos assumir a responsabilidade com os nossos empreendimentos pessoais. Buscar conhecimento para nossas muitas vidas, até nossos 80 ou 100 anos produtivos.

FOTO: Arquivo pessoal



Gestão escolar planejada

Vagner Paulo Maccalli, diretor do Colégio Maria Auxiliadora

A noção de planejamento no âmbito escolar vem ganhando, nos últimos anos, cada vez mais importância. Diz-se que, para se alcançar resultados de excelência na qualidade do ensino, é preciso planejar. E está certo! Ainda mais considerando-se todas as transformações e mudanças pelas quais passa a sociedade atual, o que exige da escola uma readequação, no sentido de endereçar esforços na formação integral do aluno: focar no desenvolvimento de habilidades, competências e qualidades em diferentes áreas do conhecimento e da vida.

A educação no Brasil, não obstante os esforços e, inclusive o aumento dos investimentos, ainda passa longe de ser considerada, ao menos, aceitável. Estudos apontam que aquilo que falta para a melhoria da educação no Brasil não são os recursos financeiros, mas uma gestão adequada, sistematizada e organizada desses recursos. Em outras palavras, falta um planejamento mais equilibrado.

Todavia, são dois os grandes problemas que se pode incorrer ao se abordar a temática do planejamento no ambiente escolar. O primeiro diz respeito à burocratização: formulários, tabelas, relatórios, muitas vezes, sem significados práticos, suscitam perguntas e comentários do tipo “planejar para quê?” e/ou “isso é perda de tempo”. O segundo é o fato de que se dissocia o teórico do prático, ou seja, entende-se o planejamento como algo teórico, no plano das ideias, ao passo que se deixa a concretização do planejado como se fosse algo de menor importância. De forma alguma deveria ser assim, pois um bom planejamento comporta também uma boa execução. Grande parte dos problemas no campo educacional brasileiro nasce dessa equivocada dissociação.

A educação no Brasil, não obstante os esforços e, inclusive o aumento dos investimentos, ainda passa longe de ser considerada, ao menos, aceitável.

Para equacionar essas problemáticas, aponto duas saídas: uma instrumental e outra a nível de recurso humano.

Diante disso, quais são as vias de solução, a fim de que, nas escolas, o planejamento chegue a incidir de alguma forma na transformação da realidade? Como fazer para que o tempo gasto em planejar não seja tempo perdido, mas repercuta em melhores práticas? Como fazer com que o planejado seja também, e acima de tudo, executado?

Para equacionar essas problemáticas, aponto duas saídas: uma instrumental e outra a nível de recurso humano: o plano de gestão escolar e o gestor escolar, respectivamente. Sobre estes dois recaem soluções e responsabilidades quando o foco é o sucesso no planejamento e na execução. O primeiro é um ins-

trumento imprescindível para um trabalho organizado; o segundo, o grande condutor e direcionador de forças em vista das metas e objetivos da escola.

Planejar e executar são duas tarefas que se fundem, se complemen-

tam e se materializam num único produto: o resultado. Embora o resultado seja o final de um processo, é preciso percorrer todo um caminho, com muitos atores envolvidos, com diferentes recursos e vencendo diversos desafios. A garantia do sucesso no resultado educacional é construída ao longo do processo, etapa após etapa, um passo depois do outro, com disciplina, organização, objetividade, foco, persistência e liderança.

Para a obtenção de sucesso na esfera da educação, o plano de gestão escolar aparece como instrumento capaz de possibilitar que todo um planejamento, que nasce do Projeto Político Pedagógico, encontre eco na realidade. Já ao gestor escolar, caberá exercer o papel

de liderança, de guia, de mediador, para que todo este planejamento, coletivamente realizado, possa caminhar na direção da realização, considerando os resultados prévios e sistematicamente almejados.

União ainda mais fortalecida

Tamires Hoff

São muitos os desafios enfrentados pelos alunos, pais e educadores neste ano. As atividades domiciliares exigiram adaptação de todos e o melhor resultado só foi e está sendo possível através da união entre escola e família. Para muitas famílias e educadores, a percepção é de que este vínculo sai ainda mais fortalecido após a pandemia de coronavírus. A Revista Enfoque conversou com pais de alunos sobre os desafios deste momento e como a relação com a escola ajudou na superação deles.

FOTOS: Arquivo pessoal



“O desafio é aprender a trabalhar com as plataformas digitais e incentivá-lo a fazer cada vez melhor, com paciência e qualidade, como se estivesse na escola. A escola toda é muito parceira e toda a equipe muito competente e comprometida com o processo de ensino e aprendizagem.”

Taís da Silva, mãe do Kelvin Diniz, aluno da Escola Sagrada Família.



“Agora que já estamos há tanto tempo em casa, meu filho está um pouco estressado com as aulas online, então conversei com os professores que prontamente se colocaram à disposição para ajudar. Acho muito importante trabalharmos e pensarmos junto com a escola.”

Najara Volcato e Valmor Zanon, pais do Otávio Zanon, aluno da Escola Maria Rainha.



“Temos um cuidado para que os horários sejam cumpridos, como se elas estivessem indo para o colégio, apenas não colocam o uniforme. Achemos muito importante cumprir aquilo que é proposto pelos professores como atividade, para que possa haver um controle de conteúdos trabalhados.”

Michelle e Maurício Hammes, pais da Manuella e Marianna Hammes, alunas do Colégio Santa Teresinha.



“A Escola Madre Júlia vem cumprindo um papel excelente nessa parceria de apoio aos estudos remotos. A comunicação entre escola e família fortaleceu-se e há um

maior feedback sobre o andamento das aulas e a performance do nosso filho.”

Fabiane Brum, mãe do Luan Martins, aluno da Escola Madre Júlia.



“Percebemos uma organização e uma adaptação da escola à nova realidade, e confiar no trabalho da direção e dos professores trouxe maior tranquilidade. O canal aberto ao diálogo com as famílias, ouvindo-as, foi fundamental para o enfrentamento das dificuldades.”

Daniella Cirino, mãe da Maria Eduarda e da Laura Cirino, alunas do Colégio Maria Auxiliadora.



“Os maiores desafios são fazer ele cumprir a rotina de estudos que estabelecemos. O apoio da escola está sendo fundamental, disponibilizando as aulas síncronas diariamente, sem falar no carinho e no cuidado que a professora da turma mantém desde o início dessa pandemia.”

Leticia Vieira, mãe do Luís Maurício Vieira, aluno da Escola Estrela do Mar.



“A escola, com seu papel de base na educação, tem demonstrado interesse e esforço exemplar na tentativa de intermediar as dificuldades particulares de cada família, cumprindo com o objetivo da escola, além de auxiliar os professores a se reinventarem diante dessa nova realidade.”

Tais Medeiros, mãe da Luiza Ferro, aluna da Escola Sagrado Coração de Jesus.



“Sentimos a falta do físico, de estar em sala de aula na presença da professora e dos colegas, das atividades em grupo, dos eventos. Adoramos a escola e sempre participamos muito; também fez falta para nós, pais. Quando temos dúvida, entramos em contato com a escola, que está sempre disposta a ajudar.”

Alessandra Bueno e Fabiano de Oliveira, pais do Murilo de Oliveira, aluno da Escola Santa Catarina.

Tecnologia e resiliência educativa

Lucas Bitencourt, filósofo, psicólogo e orientador educacional

A pretensão deste texto é refletir sobre a tecnologia e a resiliência na educação em um tempo marcado pela constância da incerteza. A pandemia chegou como uma prova surpresa e não estudamos o suficiente para realizá-la; fomos inseridos em um jogo cujas regras foram sendo descobertas ao longo da partida; não tivemos tempo para nos preparar e planejar, do jeito que a educação funciona.

Sabemos que, em educação, as coisas acontecem ao seu tempo, de forma processual, e são submetidas a constantes avaliações em busca do aprimoramento. Antes de qualquer decisão tomada, todas as possibilidades são analisadas e os planejamentos escolares se desenham com vistas, sempre, à melhor aprendizagem. Dessa vez, porém, muito foi diferente!

Não houve tempo para discernir, e as escolas foram ágeis nisso. O ensino remoto, por meio da tecnologia, veio como um remédio goela abaixo e, com sabedoria materna, as escolas acreditaram que, sim, esse era o melhor remédio para todos.

Mas seria adequado comparar a tecnologia com um remédio? Do ponto de vista da cura, talvez a resposta fosse não, porque as escolas não existem para atuar da forma como estão trabalhando, e é preciso reconhecer que esse jeito não é o ideal, pois contradiz uma proposta que valoriza a sociabilidade. Do ponto de vista do alívio de um sofrimento, porém, sim, podemos comparar com uma medicação que veio

aplacar algumas dores.

Quem é professor(a), nesta época, reconhece as dores das quais eu falo. Quem é pai ou mãe também. Quem é estudante, da mesma forma. Quem é gestor escolar, igualmente. Não há sujeito envolvido na esfera educativa atual que não esteja com algum tipo de dor: algumas físicas e outras subjetivas. Talvez doam as costas, os olhos, os braços... Talvez doam o comodismo, a saudade, as expectativas para 2020 e também as perdas que tivemos. Isto deve ser levado em conta no contexto educativo: famílias e escolas perderam e têm suas dores particulares e coletivas. O contexto é adverso, e o melhor remédio foi a tecnologia, mas – admitamos! –, mesmo favorecendo os encontros, ela não substitui as presenças.

Ao reconhecermos a tecnologia como um remédio, além de tirá-la do local de vilã, onde muitos já a colocaram, perceberemos que, por meio dela, o processo educacional permaneceu ativo, mesmo com a escola “fechada”. Nas adversidades trazidas pela pandemia, a criatividade humana é exemplo de resiliência, que, por definição – nos ensina a Psicologia – é a capacidade de enfrentarmos um dissabor e retornarmos, mais fortalecidos, ao estado psíquico natural.

Então, se chegamos até aqui, é porque há uma carga de resiliência que deve ser considerada, pois reconhecemos as adversidades como oportunidades. Se a tecnologia ainda é colocada nesse estado limítrofe entre heroína e vilã, é porque nos falta compreender que ela é, por natureza, aquilo que dela fazemos. Portanto, será vilã quando não soubermos lidar de forma madura, e, da mesma forma, será heroína quando a virmos como uma realidade que pode contribuir com nossos avanços em educação.

Enquanto o mundo espera o remédio que finalize a atual pandemia, como educadores (pais, professores e gestores escolares), é nosso dever educar para o melhor aproveitamento da tecnologia, reconhecendo suas limitações e também suas possibilidades. Só no futuro seremos capazes de perceber o quanto aprendemos como humanidade, e assim terá mais sentido a sabedoria popular: “O tempo é o melhor remédio.”



FOTO: Divulgação

Serviço de Animação Vocacional Notre Dame

Irmã Shirle Maria, coordenadora do Serviço de Animação Vocacional

“Se alguém quer me seguir, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”.

(Mt 16,24)

A vocação é o chamado de Deus para cada pessoa segui-lo através de uma opção específica. A Vida Religiosa é uma dessas opções em que aquele/a que responde ao chamado decide seguir Jesus Cristo e viver tal como Ele viveu. Deus é criativo em sua forma de chamar e deseja sempre que as pessoas sejam felizes no caminho escolhido.

E assim foi com a Irmã Gloria Elizabeth Maria Flores Jara, natural de Trujillo-La Libertad, Perú. Aos

35 anos de idade, é noviça e está se preparando para professar os votos de castidade, pobreza e obediência. Para ela, Deus se manifestou através de uma peregrinação ao santuário de La Virgen de la Puerta, em Otuzco. Após a celebração Eucarística, foi ao confes-

sionário e, diante de sua partilha, o padre lhe disse: “Minha filha, por que você não faz uma experiência religiosa?” Irmã Gloria começou a chorar e afirma que essa foi a única maneira que pôde responder ao Senhor. Depois de ter se sentido tocada, começou a preparação para a descoberta de sua vocação.

A jovem noviça conheceu as Irmãs de Notre Dame através de sua catequista. Ao conviver com as Irmãs, partilhar a vida de oração, estudos e o trabalho pastoral, decidiu que queria seguir Jesus através da Congregação, pois, em sua opinião, a partir da educação, em todas as suas formas, é possível revelar aos irmãos e irmãs a bondade de Deus e seu amor providente.

Para dar continuidade à sua formação para a Vida Religiosa, Irmã Gloria veio para o Brasil no ano de 2018 e residiu na comunidade do Colégio Maria Auxiliadora, em Canoas, como postulante. Em 2019, ingressou no noviciado e hoje reside na casa de for-

mação em Passo Fundo, com outras quatro noviças. Para ela, a formação espiritual, humana e religiosa têm sido de vital importância no seu processo de discernimento, pois tudo isso era alheio ao seu conhecimento, e era o que precisava saber para decidir-se e continuar adiante na Vida Religiosa Consagrada.

No segundo ano de noviciado, é comum que a formanda faça um estágio pastoral em alguma das comunidades das Irmãs. Irmã Gloria realizou seu estágio neste ano, no primeiro semestre, na Residência Maria Imaculada, em Paraíso do Tocantins, no Tocantins. Sua experiência foi um tempo propício para cultivar-se, como religiosa de vida apostólica, em todos os aspectos humano-cristãos, no qual vivenciou e conheceu de perto a realidade missionária e apostólica das Irmãs daquela comunidade. Mesmo que a situação de pandemia tenha detido o plano inicial para o estágio, considera que Deus tem seus caminhos de preparação da vida e sentiu-se satisfeita de ter sido modelada desse jeito, pois o tempo de isolamento permitiu que crescesse e amadurecesse em outros aspectos.

Em relação ao futuro, afirma que quer cuidar do seu SIM. Sabe que, para sentir-se disposta e com energia para tudo, no dia-a-dia, precisa de meditação, oração, atividade física, bem como preparar-se vocacional e profissionalmente. Irmã Gloria encara essas necessidades como prioridade, um tempo de graça com muito compromisso.

A formanda Notre Dame deixa seu recado às jovens que estão em discernimento de sua vocação dizendo que trabalhar no Reino é um privilégio e, ao ter Jesus no centro da vida, será possível, com transparência e fidelidade, comprometer-se e viver como Ele viveu, com entrega total aos irmãos e irmãs. Esse jeito de ser e viver é uma resposta livre e de amor a Deus, que nos amou primeiro, chamou-nos à vida, e vida em plenitude.



FOTOS: Divulgação/SAV

Ir. Glória conheceu as Irmãs de Notre Dame através de sua catequista



Maria na Espiritualidade Notre Dame

Ir. Maria Dalva, Irmã da Congregação Notre Dame



FOTO: Divulgação

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, número 228, afirma: “Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto.” Do mesmo modo, podemos afirmar e comprovar, através dos escritos de Júlia Billiard e dos documentos da Congregação, a presença profética de Maria na espiritualidade Notre Dame.

Júlia Billiard, acreditando na força revolucionária da bondade de Deus e sensível às necessidades de seu tempo, sentiu-se chamada a levar Cristo à sociedade de seu tempo. Ao fundar a Congregação, em 1804, dá ao seu Instituto o nome NOTRE DAME (Nossa Senhora). Não atribui à Notre Dame nenhum título singular ou uma devoção particular. Júlia escolheu Maria, na sua natureza de ser-Mãe de Deus, como padroeira da Congregação e modelo de vida para suas irmãs. Tinha em vista o papel de Maria, integrada no

projeto salvífico de Deus presente na Encarnação e na Redenção. Inevitavelmente, sua espiritualidade foi marcada por um cunho mariano. Afirmou em seus escritos: “As Irmãs de Nossa Senhora são a Companhia de Maria.” Queria que cada Irmã fosse uma presença de Maria para Deus, para a Igreja e para todas as pessoas de modo que o amor divino pudesse agir através delas, para a salvação de todos. Deviam viver, conforme seu nome, numa resposta à bondade de Deus, semelhante à de Maria. Júlia sintetizou seu desejo nas palavras “em cada Irmã de Nossa Senhora, deveria estar presente o espírito de Maria, a virtude de Maria, a força e o poder de Maria.”

Seu perfil de mulher Francesa, seu proceder prático, seu amor à Igreja e sua vivência da espiritualidade do século XVIII deram origem à espiritualidade ND. Essa é a forma da congregação dizer que Maria “por sua vida tornou visível, de modo perfeito a Boa Nova do Evangelho e participou na obra redentora do

seu Filho. Na fé e no amor ela nos é modelo na entrega diária ao chamado sempre novo do Senhor.” (Const. Art. 12)

A espiritualidade mariana é um viés que perpassa as Constituições da Congregação Notre Dame e que traduz, em seus artigos e orientações, como viver a espiritualidade a exemplo de Maria, peregrina na fé, ouvinte da Palavra, modelo de discipulado, dócil ao espírito, eclesial, voltada para os mais pobres e profética.

O prólogo das Constituições das Irmãs de Nossa Senhora (2004) faz referência à espiritualidade mariana quando diz: “... na atitude de Maria, partilharmos a vida de fé e de alegre simplicidade, dispostas a carregar, todos os dias e com amor, a nossa cruz.” O artigo 48 também faz referência a vivência da espiritualidade Mariana “Como Irmãs de Nossa Senhora, veneramos Maria com especial amor. Totalmente dedicada a Deus, atenta à sua Palavra e pronta a cumprir sua vontade, Maria nos é modelo na vida de oração e serviço. Renovamos diariamente nossa devoção à Maria, contemplando os mistérios de missão redentora de Cristo, de maneira singular, pela oração do terço.”

A aliança que as Irmãs recebem, na profissão perpétua, com o lema “Toute à Jésus por Marie,” - Tudo a Jesus por Maria - simboliza o compromisso de fidelidade no seguimento de Jesus à luz da espiritualidade mariana.

Outro aspecto importante que caracteriza a Congregação e perpassa a espiritualidade Notre Dame é a lealdade de Júlia à Igreja. Hoje, as Irmãs de Nossa Senhora manifestam essa fidelidade à Igreja no cultivo da espiritualidade mariana, expressa nos Documentos da Igreja, especialmente no Documento de Puebla, quando afirma “Com os olhos postos em seus filhos e em suas necessidades, como em Caná da Galiléia, Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho. [...] Cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e solidária, em fraternidade, na atenção e acolhida do outro, especialmente se é pobre ou necessitado.” (DP 272)

Concluindo, Maria ocupa um lugar central na espiritualidade Notre Dame. O Concílio Vaticano II adotou o enfoque histórico-salvífico ao situar a com-

FOTO: Ir. Laudete Zambonin



preensão da figura de Maria no horizonte maior da história da salvação. Orientou para que sua figura pudesse ser contemplada em sua relação com Jesus Cristo e com a Igreja. No documento da Igreja (LG 63) lemos “a presença de Maria na vida da Igreja não ofusca ou diminui a única mediação de Cristo. Manifesta antes a sua eficácia. Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada, à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo.”

Conheça o Novo Ensino Médio

Tamires Hoff

O protagonismo do aluno na construção da aprendizagem é uma das propostas do Novo Ensino Médio. O projeto de reestruturação pretende oferecer ensino de qualidade, levando em conta os interesses dos jovens e as exigências do mundo contemporâneo, acompanhando as novas tecnologias.

Todas as escolas precisarão se adequar até 2022 às diretrizes da Reforma e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Novo Ensino Médio (NEM), como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Uma das mudanças será a carga horária. “Agora a escola deverá oferecer Formação Básica Geral em até 1.800 horas e, a partir de 1.200 horas, Itinerários Formativos que os alunos, conforme suas aptidões, definirão de acordo com a trilha escolhida para estudo”, explica a assessora pedagógica do Sindicato do Ensino Privado no Rio Grande do Sul (SINEPE/RS), Naime Pigatto.

O projeto de vida foi pensado como elemento fundamental no currículo, para auxiliar o aluno nesse momento de definições sobre qual carreira profissional irá seguir, ou como buscará atuar no

mercado de trabalho e conviver em sociedade, diz Naime.

O Novo Ensino Médio traz uma expectativa de aumento das matrículas de formação técnica no nível médio. O consultor educacional e professor da Universidade Federal de Blumenau, Eduardo Deschamps, lembra que hoje o Brasil tem 8% destas matrículas, enquanto em países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) este índice é de 50%.

O projeto do Novo Ensino Médio prevê que as mudanças comecem a ser implantadas em 2021. A pandemia de coronavírus, porém, pode atrapalhar este calendário, segundo a gerente da Câmara de Educação Básica da Associação Nacional da Educação Católica (ANEC), Roberta Guedes. “Hoje temos como urgência: recuperar as aprendizagens perdidas, retomar as aprendizagens adquiridas, cuidar dos traumas e doenças psicossomáticas que estudantes e professores adquiriram com o isolamento social, além de lutar contra o abandono escolar e as possíveis reprovações”, resume Roberta. Para

ela, esta situação só aumentará o distanciamento de oportunidades dos jovens entre as redes pública e privada. “A implantação ocorrerá de forma descompassada entre os sistemas de ensino”, conclui.

Proposta vale para novos alunos do EM

O alinhamento do currículo do Ensino Médio no Brasil às melhores práticas do exterior é um dos pontos positivos, na avaliação de Deschamps, que destaca outros que devem ser contemplados, como “buscar dar mais sentido a esta etapa da educação básica para os jovens, de acordo com seus anseios de carreira e de vida, evitando um currículo superficial e fragmentado como temos hoje, em que um estudante que queira seguir carreira em medicina estuda os mesmos conteúdos que um estudante que queira ser engenheiro, por exemplo.”

Naime aposta que o novo Ensino Médio veio para provocar mudanças na forma da organização da Educação Básica atual, que ela classifica de conteudista e distante das exigências do mundo complexo, desafiador e mutante que temos. “Algumas escolas e professores precisarão sair da sua ‘zona de conforto’ para continuar atuando, pois esse novo formato de Ensino Médio irá trazer muitos desafios,

e isso implicará em uma docência partilhada, muito planejamento coletivo, criatividade e, inclusive, resiliência para pensar o ‘novo.’”

Para os estudantes que cursam o Ensino Médio atualmente, não haverá alterações. O projeto deve afetar apenas novos estudantes, que ingressarem após a implementação das mudanças.

Pontos a serem aperfeiçoados

Os impactos serão muitos, conforme a doutora e professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Roselane Zordan Costella. “Há pontos a serem repensados. A carga horária referente a BNCC não poderia estar definida com o máximo de 1800 horas. É necessário mais tempo para os/as estudantes aprenderem o básico, o que os torna mais cultos e com uma capacidade maior de movimentar-se pelas diferentes áreas”, analisa.

Há falta de clareza em relação às habilidades que pautam os eixos, segundo Roselane. “Se apresentam de forma muito genérica, difícil de serem desenvolvidas. Os objetos de conhecimento deveriam estar presentes nos eixos estruturantes para cada área do conhecimento, mesmo que fossem



OBJETIVOS DOS ITINERÁRIOS FORMATIVOS



somente sugestões, pois muitas vezes não se sabe o que trabalhar e como serão cobrados nas provas externas”, resume a professora e acrescenta que também não está clara a forma de organização das escolas sobre as 1800 horas que deverão ser cumpridas e aponta que não ter previamente a matriz dificulta a organização e fragiliza o trabalho. “Positivamente, os impactos ainda não são bem previsíveis, mas temos a certeza de que o EM precisava ser modificado, pois estava, em muitos casos, enfadonho para os/as estudantes.”

Mudanças para os professores

Com o Novo Ensino, também serão necessárias mudanças na forma de trabalho, como frisa a assessora pedagógica do SINEPE/RS. “Provocará a necessidade de um trabalho cada vez mais integrado entre os professores, tendo em vista a possibilidade de a instituição organizar o seu desenho curricular em módulos, laboratórios, projetos, disciplinas, e estabelecer parcerias com outras instituições de ensino.” No entanto, a professora Roselane observa que os professores terão que dar conta de uma forma de ensinar que a Universidade que os formou não oportunizou.

O modelo do novo ensino médio abre um leque maior de possibilidades no que diz respeito à contratação de professores. Atualmente, para lecionar é necessário ter cursos de formação em licenciaturas. De acordo com a proposta do NEM, os profissionais que possuam notório saber sobre a matéria passam a ministrar componentes, no itinerário de Formação Técnica e Profissional, mesmo que em caráter de complementação pedagógica, como esclarece Roberta Guedes.

Preparação das escolas

O ano de 2021 deve ser de preparação para as mudanças trazidas pelo Novo Ensino Médio. Roselane descreve como ela avalia que deveria ocorrer o processo. “A direção deve se apropriar das mudanças e proporcionar segurança às famílias, não se descuidando da construção de uma arquitetura curricular sólida. As coordenações pedagógicas precisam estudar muito e auxiliar os/as professores/as. Os/As professores/as precisam se desafiar e criar novas possibilidades para relacionar os objetos do conhecimento aos interesses dos/as estudantes. E estes devem levar muito a sério estas 1200 horas do

currículo optativo. Aprofundar conhecimentos, reforçar decisões futuras e construir um projeto de vida que realmente deixe marcas positivas na sociedade”, sintetiza.

Formação continuada com os professores, alinhamento do 9º ano do Ensino Fundamental com o 1º ano do Ensino Médio e pesquisas com a comunidade escolar, para conhecer as suas demandas e as intenções de escolha dos itinerários, são pontos destacados pela assessora pedagógica do SINEPE/RS, Naime Pigatto. “Outro detalhe que não poderá ser deixado de lado: a análise dos recursos físicos, financeiros e o perfil de professores para trabalhar nos Itinerários”, recomenda Naime e sugere que as escolas conversem entre si, para identificar como pensam e quais serão os itinerários que pretendem ofertar.

Turno integral

Ao tornar o currículo mais alinhado aos interesses do estudante e ao seu projeto de vida, a expectativa é de que o aluno possa se mostrar mais interessado, segundo o consultor educacional e professor da Universidade Federal de Blumenau, Eduardo Des-

champs. Isso, porém, não é suficiente, conforme o consultor. “A proposta pedagógica e a qualidade dos professores, além de aspectos de infraestrutura e uso de tecnologia, também são fatores importantes.”

O projeto do Novo Ensino Médio ainda prevê escolas com ensino em turno integral. Entretanto, a capacidade de investimento para ampliar a jornada dos alunos na escola continua sendo o grande desafio, para Deschamps.

Roselane concorda em relação às dificuldades para implementação desta ampliação. “Não acredito que o Brasil tenha estrutura para isso, manter o/a estudante na escola por 35 horas semanais com atividades e oportunidades que formem integralmente os/as estudantes. No Rio Grande do Sul, temos uma grande maioria das escolas que não consegue cumprir com os seus cinco períodos por dia, pois faltam professores ou, em muitos casos, nas periferias, temos até toque de recolher”, comenta e completa: “Formar um aluno integralmente não precisa tempo integral. Se o Brasil aproveitasse verdadeiramente o tempo que os alunos ficam na escola, com boas aulas, professores valorizados, boa infraestrutura, boa formação continuada e objetos de conhecimento significativos, tudo mudaria”, opina.

Saiba mais

As áreas de conhecimento do Novo Ensino Médio:

- Linguagens e suas Tecnologias
- Matemática e suas Tecnologias
- Ciências da Natureza e suas Tecnologias
- Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Cada uma das áreas dos itinerários formativos estipula competências que os alunos devem adquirir ao longo do curso. Apenas os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Matemática e Língua Inglesa serão obrigatórios nos três anos de ensino.

Eixos estruturantes:

- Investigação científica
- Medição e intervenção sociocultural
- Processos criativos
- Empreendedorismo

Eles integram diferentes arranjos de itinerários formativos; conectam experiências educativas com a realidade contemporânea; desenvolvem habilidades relevantes para a formação integral.

A carga horária letiva será de mil horas, sendo 60% dedicada ao currículo base e os outros 40% às disciplinas eletivas dos itinerários formativos.

Pandemia convoca à solidariedade

Por Ir. Giulliane Araujo de Macêdo - Assistente Social e Integrante do JPIC- Justiça, Paz e Integridade da Criação

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.

(Gaudium et Spes, 1)

A pandemia de Covid-19 provocou grandes mudanças nas nossas vidas, nas rotinas e no modo de nos relacionarmos. Desde atividades simples até as mais complexas precisaram ser adiadas, remodeladas ou até mesmo interrompidas.

Os impactos puderam ser sentidos na vida de todas as pessoas, crianças, jovens, adultos e idosos. Além de implicações diretas na saúde, a pandemia também expôs a desigualdade social que assola a sociedade e que, muitas vezes, impossibilita que um grupo significativo de pessoas tenha acesso a cuidados, serviços e, até mesmo, direitos básicos.

Atentos a isso, foi montada uma rede que ajudou pessoas de São Leopoldo, Canoas, Sapucaia do Sul, Cachoeirinha e Porto Alegre. Essa rede de solidariedade só foi possível com a colaboração dos nossos funcionários, pais de alunos e pessoas amigas, que, unidos no espírito de comunhão e cuidado com a vida dos mais vulneráveis, foram sensíveis a essa realidade, mesmo no contexto complexo de pandemia. Conforme o número 38 da Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis do Papa João Paulo II, solidariedade

[...] não é um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas

próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos.

Com o coração cheio de bondade e comprometido com a vida, responderam com generosidade e doaram alimentos, roupas, calçados, brinquedos, fraldas, móveis e utensílios de cozinha, valores em dinheiro e celulares que beneficiaram famílias de brasileiros e de imigrantes haitianos e venezuelanos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o distanciamento social para conter o avanço do Coronavírus. Em contrapartida, cresce a proximidade entre as pessoas, que, por meio da solidariedade e de gestos simples de afeto e cuidado, tornam-se presença ativa na vida dos que mais necessitam.

A solidariedade não fica no isolamento, ela se equipa de máscara, luvas, álcool em gel e nos enche de humanidade, de responsabilidade com a vida dos outros e de compromisso com o bem comum.

REFERÊNCIAS:

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis. Roma, 1987. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html>. Acesso em: 06 nov. 2020.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Roma: 7 dez. 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-s>

Taís da Costa: Muitas histórias na bagagem

Após um treinamento na Dinamarca, a enfermeira Taís Reginatto da Costa, de 39 anos, embarcava para sua primeira missão em território africano. Em agosto de 2018, ela chegava ao Sudão do Sul, no primeiro projeto em que trabalhou pelo “Médico Sem Fronteiras (MSF)”. Neste choque de realidade, como ela define, precisou se adaptar. Taís foi estudante do Colégio Maria Auxiliadora (CMA), da pré-escola ao Ensino Médio, concluído em 1997. Na faculdade de Enfermagem, já sonhava em fazer parte do MSF.

Desde a primeira experiência, precisou se adaptar às condições limitadas dos locais por onde passou, mas o que mais chamou sua atenção foram as condições de trabalho. “É a medicina como há 20, 30 anos”, explica. O que ela não imaginava é que a escassez de recursos também traria ensinamentos. “Ver que algumas coisas são simples de fazer e não precisam de tanta tecnologia foi um choque muito grande. Isso foi me apaixonando. Vi que é possível fazer tanto com tão pouco.”

Nestes mais de dois anos que Taís está no Médico Sem Fronteiras, passou também por Moçambique. Atualmente, está em um projeto voltado para Covid-19, no Mato Grosso do Sul, onde trabalha com uma população indígena. “Estou aprendendo sempre. É uma experiência muito rica”, resume.

Dessas experiências também surgem diferentes emoções, muitas amizades, além de momentos de adversidade. “Tem situações de sentimento de estar na guerra, e a gente está na guerra, está na trincheira, e aquelas pessoas são os teus parceiros. A gente vai fazer alguma coisa por essas populações, estamos lá para ajudar”, relata a enfermeira do MSF.

Em meio a tanta miséria, ela também enxergou riquezas. “A criança africana é uma das coisas mais lindas que tem. Elas são tão vivas, espertas, brincam de forma livre e muito com o corpo da mãe. Existe uma situação de miséria, mas elas têm um outro tipo de riqueza que as crianças da cidade não têm. As crianças e a natureza na África são muito lindas, o céu é muito lindo, não sei explicar”, reflete a ex-aluna do CMA.

Do colégio, Taís guarda muitas lembranças. “Tive o prazer de atender, diretamente e através de minha empresa (antes do MSF), várias irmãs em situação de doença ou em recuperação. Esse foi um bonito momento para mim, para eu poder usar meus conhecimentos,



FOTO: Arquivo pessoal

Ex-aluna do CMA concluiu os estudos na escola em 1997

carinho e ver a confiança que as irmãs depositavam em mim.” A enfermeira relembra os momentos da escola que contribuíram para a sua formação. Houve também episódios divertidos, como em uma gincana da solidariedade, com doações de alimentos e produtos de higiene. Ela aponta que o grupo compreendia bem a importância da tarefa, mas era competitivo e queria vencer a disputa. “Lembro que sabonete pontuava bem e, como no regulamento não dizia o tamanho do sabonete e pontuava por unidade, vimos uma oportunidade. Cada sabonete era cortado em quatro pedaços. Tínhamos um mutirão de corte e reembalagem de sabonetes! Claro que, no outro ano, a comissão deixou claro o tamanho e o peso do sabonete que pontuaria”, diverte-se ao lembrar.

Na escola, contou com muitos bons exemplos que afirma terem contribuído para a escolha profissional. “O melhor exemplo que tive no Auxiliadora foi conviver com profissionais que amavam e se dedicavam ao que faziam. Trabalhar na educação não é uma profissão de status ou de reconhecimento social ou financeiro. Esse exemplo levei comigo, de escolher uma profissão que também não tem esses reconhecimentos, mas que é minha vocação, me dá muita satisfação pessoal e faço com muito amor e dedicação.”

As tecnologias em sala de aula e a personalização do ensino

Cláudia Lima Gonçalves, coord. de Tecnologia Educacional

Desenvolver o protagonismo e a autonomia dos alunos faz parte da proposta pedagógica da Rede Notre Dame. Metodologias ativas, ensino híbrido, sala de aula invertida, propostas de gamificação, design thinking, dentre outras perspectivas que se intensificaram nas atividades domiciliares do Colégio Maria Auxiliadora.

Desde março, observamos uma caminhada gradativa de toda a comunidade escolar. Equipe de gestão e professores passaram por momentos de formação continuada, com a parceria de editoras e de outros profissionais, permitindo aos educadores uma escolha criteriosa e assertiva para o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas. Da mesma forma, o CMA promoveu encontros para pais sobre o uso de plataformas, perspectivas do ensino da Língua Inglesa, lives sobre Disciplina Positiva e outras tantas ações que foram planejadas e divulgadas à comunidade escolar.

Em quase todos os momentos, o uso das ferramentas para aulas síncronas e assíncronas teve como objetivo tornar o ensino remoto personalizado e atrativo ao aluno. Para uma geração dita como nativa digital, entendemos que, por vezes, não havia dificuldade para nossos alunos no manuseio de equipamentos ou ferramentas, mas, sim, na adequação pedagógica para o trabalho remoto. Foi preciso ensinar conteúdos aliados a hábitos de estudo adequados, tendo sensibilidade às realidades de cada família. Hoje, podemos dizer que houve um avanço no termo “nativos digitais”, nossos alunos podem ser considerados “nativos digitais pedagógicos”, pois veremos uma mudança de comportamento dos pequenos da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental nos próximos anos. Da mesma forma, os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e os do Ensino Médio passam por essa adaptação, aliando o ensino híbrido a suas práticas e fazendo a escolha dos melhores recursos para seus estudos.

Sobre os professores do CMA, destacamos nesta edição o trabalho desenvolvido na Área de Linguagens, diante de tantas outras excelentes produções

nas demais áreas do conhecimento. A Língua Inglesa, preocupada em como ensinar e personalizar o ensino em tempos de pandemia, criou ebooks fantásticos, agregando vídeos e jogos em seus planejamentos semanais. Alguns professores do Ensino Fundamental I e do Ensino Médio desenvolveram Sites, com a contribuição de alunos. No EF I, destacamos o envolvi-

FOTO: Divulgação



mento das turmas do 3º ano com o Site sobre o livro “Navegando pela história do livro”, em que puderam explorar, após a leitura do livro, formatos diferentes para expor sua aprendizagem, com depoimentos e imagens a partir da história da escrita. O projeto da revista eletrônica AuxiliADORANDO, atualmente tem a participação de uma equipe editorial que conta com alunos do EF II e do Médio e a supervisão de professores da área de Linguagens. Especificamente na 3ª série do EM, a revista Art3iros elaborou conteúdo de forma interdisciplinar, e os alunos, inspirados em aulas sobre o Modernismo, trataram de temas pertinentes à reflexão da realidade. A gamificação foi incorporada em todos os níveis de ensino, e o Colégio investiu em ferramentas como o WORDWALL, que colabora no planejamento dos professores e torna as aulas mais atrativas.

Muito além do uso de tecnologias, o CMA, assim como toda Rede Notre Dame, continua acreditando que a aprendizagem se dá através da relação professor e aluno, na certeza de que formamos através de uma educação sólida com valores cristãos.

“A educação impõe-se como uma necessidade urgente. Que há de maior do que educar a juventude?”

(Santa Júlia Billiart)

Renata Irigoyen — assessora pedagógica

Alessandra Jaeger — Serviço de Orientação Educacional

Irmã Edinete Maria Tomasin — Vice-diretora

Iniciamos 2020 com muitos planos que precisaram ser ajustados, e outros foram substituídos, devido à pandemia. A escola passou por um processo difícil de adequação à nova realidade, uma experiência inimaginável. Foram muitos os desafios para o setor pedagógico: formação de professores, organização de horários, utilização de recursos tecnológicos, suporte e atendimento às famílias.

Mediante os diversos desafios, buscou-se o alinhamento de ações e decisões importantes para a organização da instituição nesse momento atípico. Visaram-se ações e orientações a fim de estruturar o trabalho docente e dar suporte a eles, de acordo com as especificidades de cada segmento. Foi necessário suporte técnico, apresentações e partilhas de recursos de mídia para atender às necessidades do momento de aulas síncronas e assíncronas. Quanto à formação da equipe, estamos em constante formação sobre metodologias e utilização de aplicativos para proporcionar conhecimento e aperfeiçoamento.

Uma grande preocupação da equipe diretiva era com relação à atuação da escola na comunidade. Como manter a escola viva e atuante, com foco no seu papel social de agente transformador da sociedade,



Na pandemia, escola reafirmou sua missão educativa

em um momento em que todos estão reclusos e não podem apreciar as produções de alunos e professores no ambiente escolar? Mais do que disponibilizar à comunidade fotos das atividades que os estudantes da ENSEM vêm realizando, sentiu-se a necessidade de levar o aprendizado, de fato, até a casa de cada

FOTOS: Divulgação/Estrela do Mar



Constantes formações de metodologias e utilização de apps

pessoa da nossa comunidade. Assim nasceu o projeto “A aula é nossa”, que tem como objetivo principal levar conhecimento, diversão e entretenimento a toda a comunidade lourenciana. O projeto funciona por meio de aulas públicas abertas a todas as pessoas que acessarem a página da escola Estrela do Mar no Facebook. A cada live, professores dos diferentes níveis de ensino da ENSEM falam sobre temas diversos que podem ser do interesse do público ou gerar maior curiosidade e busca por conhecer mais sobre o que é falado. A ideia não é apenas a de transmitir conhecimento, mas sim instigar as pessoas a compartilharem saberes, aprenderem e buscarem mais informações sobre diferentes temáticas.

Diante de toda a situação de pandemia, reafirmamos nossa missão educativa. Ainda que com dificuldades no início para nos adaptar ao regime de atividades domiciliares, não deixamos de realizar nosso papel na formação de sujeitos autônomos, capazes de se reinventarem e buscarem soluções com criatividade e leveza. A escola deu um grande passo na utilização dos recursos tecnológicos em poucos meses, ainda que já utilizássemos alguns destes recursos antes da pandemia, e essas mudanças não terão volta.

Como falar com nossas crianças sobre o novo coronavírus?

Joana D'arc Trindade Brum, professora

Com o surgimento da doença do novo coronavírus (Covid-19), as pessoas em todo o mundo precisaram ir em busca de alternativas de proteção,



tanto para si, como para suas famílias. Sabemos que o convívio contra esse vírus, extremamente perigoso, exigiu a necessidade de isolamento social e, em vários casos, a habilidade de lidar com a doença, além de, até mesmo, com perdas de pessoas próximas. Mesmo vivendo em uma realidade singular, não podemos permitir que as

crianças não aprendam, pois elas podem fazer isso no ambiente acolhedor de suas casas, através das atividades remotas, no modelo “home office”, alternativa que todas as escolas tiveram de buscar para desenvolver as atividades pedagógicas.

Sendo assim, tanto as escolas como os educadores possuem um papel fundamental em compartilhar informações precisas, minimizando o medo, a insegurança e o estresse das crianças, que, de um momento para outro, perderam o contato físico e presencial com os colegas e seus professores. Para isso, na Escola Madre Júlia, surgiu a necessidade de repassar informações seguras, baseadas em fatos científicos sobre a Covid-19, de forma lúdica e participativa, reduzindo o medo, a ansiedade de nossos estudantes, e promovendo a capacidade dos pequenos em saber lidar de maneira saudável com os impactos recorrentes das mudanças atuais.



Pensando em nossas crianças, foi criado um projeto de prevenção ao Covid-19 e de preparação para um possível retorno presencial às aulas. Utilizamos como recursos pedagógicos a diversão e a ludicidade, proporcionando aos educandos interações através de brincadeiras, danças, músicas e oficinas online.

Assim, de forma criativa, eles aprenderam sobre os cuidados preventivos à contaminação, além de terem sido estimulados a ex-



porem seus sentimentos, enfatizando que eles podem contribuir muito para sua própria segurança e para a segurança de outras pessoas. Nesses momentos de interação, proporcionamos uma aprendizagem de qualidade às crianças, despertando os sentimentos de empatia e amor ao próximo. A escuta atenta, o diálogo e a exposição de

sentimentos foi a ferramenta mais importante que utilizamos para desenvolver as atividades.

Acreditamos que, a partir de uma conversa aberta, franca e cuidadosa com os nossos alunos, estaremos ajudando-os a entender o contexto, a lidar com segurança e a contribuir positivamente com seus comportamentos através da afetividade, criando laços de confiança, amizade e proteção.



FOTOS: Divulgação/Madre Júlia

Ensino remoto: dificuldades e avanços no processo pedagógico

Jéssica Schantz, Luciane Naiara Pizon Nunes e Rita Silva

Atualmente, a sociedade está passando por uma transformação e, com isso, está mais acelerado o processo de inovação. Essa mudança faz com que percebamos a dimensão desse mundo como se fosse um labirinto, com vários caminhos e desafios a percorrer, com uma evolução tecnológica e um letramento digital que, conseqüentemente, necessita de modificações na forma de atuação da gestão escolar e do corpo docente, frente ao uso dessas ferramentas.

Na busca de um ensino de qualidade, precisamos levar em consideração o que estamos vivenciando em plena pandemia causada pela Covid-19. Nós, professores, reinventamo-nos, e isso não foi uma tarefa fácil. A partir dessa nova realidade, tudo se modificou, e vieram grandes desafios, como o de manter alunos na frente da tela, sem que perdessem a motivação e empolgação em aulas on-line.

Iniciamos nossa grande batalha, tentando desenvolver aulas lúdicas e que prendessem a atenção dos nossos educandos, fazendo do contato diário um

FOTO: Divulgação/Maria Rainha



As aulas tornaram-se mais dinâmicas e cheias de novidades

momento agradável. Foi através do uso da tecnologia que compreendemos que essas ferramentas poderiam ser um apoio no processo de ensino e aprendizagem. Na expectativa de aulas mais dinâmicas e envolventes, uma grande aliada foi a busca por metodologias mais atraentes, visto que propiciam maior envolvimento dos alunos.

De acordo com a Base Curricular Notre Dame (BCND), que foi elaborada em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com o Projeto Pedagógico Pastoral da Rede Notre Dame, aos educandos é assegurado o desenvolvimento, ao longo de seus estudos, de dez competências de aprendizagem que irão contribuir para a formação de cidadãos éticos e críticos da sua realidade, capazes de debater e argumentar frente a situações vivenciadas.

As aulas tornaram-se mais dinâmicas e cheias de novidades e, dessa forma, um ambiente mais lúdico e dinâmico diante da telinha começou a ser criado. Percebemos também que as famílias notaram a importância de estarem atentas e participativas neste processo de aprendizagem, e estão sendo grandes aliadas para a obtenção do sucesso desse novo processo da educação.

Uma atividade realizada neste tempo de aula remota foi o projeto baseado no livro Gente Bem Diferente, pois, com a leitura do livro, cada aluno percebeu que cada família é diferente da outra. Os alunos também foram desafiados a pesquisar as maneiras de proteção contra a Covid-19 e a montar um cartaz como forma de divulgar as ações preventivas. Outro desafio foi a construção de um sistema solar, a partir das discussões oriundas da história Onde Estamos?

Sobre o dia da árvore, os alunos ouviram uma história, discutiram o tema para compreender a importância da natureza e, após, construíram uma árvore 3D, plantaram feijões para observar as etapas de crescimento de uma planta, e ainda foram desafiados a plantar uma árvore.

Podemos afirmar que o professor não será mais o mesmo, ele será um profissional mais atento ao contato afetivo, valorizando mais as relações interpessoais e mais vigilante na forma como realizar suas aulas, sempre aliadas às ferramentas que proporcionam aos seus alunos serem mais ativos e engajados no processo do aprender.

Boas práticas em tempo de pandemia

Arlete Rosane da Rosa e Silvia Mossi da Rosa, coordenadoras Pedagógicas

Sem tempo de nos preparar para essa pandemia que assolou a todos, foi necessário que escola e família se reinventassem para enfrentar essas mudanças que nos desafiaram a modificar os métodos de ensino e a cumprir com as atividades escolares.

A Escola Sagrada Família, com o recurso das aulas on-line, permaneceu produzindo e compartilhando conhecimentos e realizando boas práticas. Os eventos que estavam programados no Calendário Escolar, tais como Homenagens às Mães e aos Pais, Dia das Crianças e Dia do Professor foram celebrados através de vídeos com fotos e músicas, que foram postados nas redes sociais.

Datas como Festa Junina, Semana da Pátria e Semana Farroupilha foram comemoradas com alunos da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental nas aulas on-line, com músicas, brincadeiras e trajes típicos. Contamos com muitas palestras e lives para pais e professores, com a parceria do Sistema Positivo e da Rede Notre Dame.

Nas aulas de Educação Física, foi organizada uma Gincana para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, na qual os alunos foram convidados a formar equipes que realizaram muitas tarefas e desafios. A Gincana Virtual possibilitou uma nova opção de diálogo e relacionamento durante a pandemia, uma nova forma de entretenimento, que integrou alunos e familiares, fortalecendo os laços familiares e sociais.

O projeto Hora do Conto continuou sendo realizado pelas professoras dos Anos Iniciais. A cada início de semana, uma delas realiza a Hora do Conto em vídeo para os alunos. A criatividade sempre está em alta nessas ocasiões, e os alunos aguardam ansiosos pela próxima história.

As professoras da Educação Infantil também realizam muita contação de história e experiências significativas para as crianças. O Projeto do Teatro acontece de forma on-line, para todos os alunos dos Anos Finais que quiserem participar. É desenvolvido com muita inovação e resulta em muitas aprendizagens.

A tradicional Feira de Ciências da Escola ocorreu no formato on-line e foi dividida em três etapas: escolha do tema, objetivos e justificativa; desenvolvimento e correção pela professora; apresentação do trabalho. A pesquisa, a orientação e a troca que aconteceu durante todo o processo possibilitou maior interação e entusiasmo dos alunos na busca do conhecimento e os aproximou da escola e dos colegas.

As aulas de Filosofia proporcionaram uma reflexão profunda sobre o momento atual. No oitavo ano, os alunos tiveram a oportunidade de contar com

FOTOS: Divulgação/Sagrada Família



Aulas e reflexão sobre o momento atual

a participação de uma psicóloga que os auxiliou a entender e a enfrentar suas angústias e inseguranças em relação ao que estão vivenciando.

Mesmo distantes, seguimos realizando a missão de educar com dedicação e entusiasmo, sem jamais esquecer os ensinamentos da nossa fundadora Júlia Billiart: “Façamos sempre o melhor de nossa parte, com simplicidade de coração e de espírito.”

Buscamos inovar nas formas de ensinar e aprender, de se relacionar e de se comunicar com estudantes e famílias, que são grandes parceiras para o sucesso das nossas ações.



Criatividade em alta na Hora do Conto

Dificuldades e avanços no processo pedagógico pós-pandemia

Kelen Vandécia Garcia Morales Velasques, professora

No início das medidas de distanciamento social impostas pela pandemia, em março deste ano, muitas instituições de ensino se depararam com o desafio de encontrar uma estratégia para suprir a ausência física/presencial do professor, o desafio de dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem por meio de plataformas digitais. Portanto, na Rede Notre Dame, com base nos seus princípios educacionais de

FOTOS: Divulgação/Sagrado Coração de Jesus



Todos desenvolveram um novo jeito de aprender e ensinar

bondade, firmeza e competência, estudantes e professores, rapidamente, se familiarizaram com uso de ferramentas que permitiram a transmissão de aulas e o envio e o recebimento de atividades domiciliares.

A experiência on-line no período da pandemia fez todos desenvolverem um novo jeito de aprender e ensinar. Alunos, pais e professores, através da mediação da internet, criaram, sem grupos-teste, uma aula virtual possível.

Além do trabalho, do ensino, quase tudo que fizemos neste período de distanciamento foi na frente do computador. Nada substitui o contato humano, o abraço, a proximidade, mas imaginem se não pudéssemos, pelo menos, interagir por vídeo chamada ou por algum aplicativo de reunião?

O mundo pós-pandemia e a educação sintonizada com os novos desafios já chegaram para preparar as crianças e os jovens para a vida como ela é: inovadora, conectada, desafiante e compartilhada.

Mesmo depois de dezenas de dias de quaren-

tena, de isolamento, a fase de adaptação e mudança ainda demora a passar. Compartilhamos muitas incertezas. Esse jogo de cintura que nos é exigido será, com certeza, muito importante para o período pós-pandemia.



Preparação dos alunos para uma vida inovadora e conectada

Quase tudo será diferente e, mesmo que em um primeiro momento possamos ficar apreensivos e inseguros, haverá oportunidades para crescermos e estarmos mais preparados. E, o quanto antes nos prepararmos, melhor!

Com certeza, pensaremos na importância da prevenção e nos cuidados que coletivamente podemos tomar para evitar novas pandemias. Que mudanças em nossos hábitos e comportamentos vão permanecer após a pandemia?



Enfim, temos muitas perguntas, há um mundo em transformação e nós fomos convocados a participar!

Após a pandemia, o mundo será diferente. Muitos aprendizados estão sendo oportunizados e já há várias discussões

sobre o que precisa mudar e o que tem que ser intensificado e valorizado.

“Quando as aulas presenciais retornarem, o professor certamente estará mais antenado às estratégias diferenciadas e ao novo. Será capaz de enxergar, avaliar e aliar o interesse dos alunos aos recursos usados em sua prática pedagógica diária. Isso proporcionará mais dinâmicas para aulas, engajamento dos alunos e, conseqüentemente, mais aprendizagem”.

No fim, todos querem e estão buscando o melhor ensino para as crianças e os jovens. Portanto, precisamos estabelecer relacionamentos respeitosos, transparentes e objetivos. As escolas da Rede Notre Dame são um ambiente seguro, acolhedor e familiar, com uma educação sólida e fundamentada em valores cristãos.

Dificuldades e avanços no processo pedagógico pós-pandemia

Bárbara Nunes e Rosângela Alves, professoras

O retorno às escolas pós-pandemia será um momento desafiador para todos os professores, gestores, colaboradores, famílias e, principalmente, para as nossas crianças da Educação Infantil da Escola Santa Catarina. Entendemos que esse retorno tem de ser o mais humano possível, e teremos de continuar a desenvolver a resiliência e a praticar empatia, já que é um momento delicado e de muitas indagações para todos nós.

É fundamental realizarmos uma conversa com as crianças sobre todas as mudanças causadas nesse período de pandemia, e isso inclui entender como elas se sentem e o que esperam desse retorno à escola. É importante convidá-las a falar sobre esse assunto de forma calma e adequada, sempre sendo um bom ouvinte e não minimizando as suas preocupações, mas reconhecendo os seus mais puros sentimentos.

Nós, como professoras da Educação Infantil, sabemos que estamos nos reinventando a cada dia e vencendo muitos desafios, mas o maior deles ainda iremos enfrentar, que será o distanciamento social na rotina escolar. (Abraçar as irmãs, a direção, os colaboradores, os professores e os colegas, brincar com o mesmo brinquedo, dividir o lanche etc.).

O brincar na Educação Infantil, seja recreação psicomotora orientada, seja livremente, aponta sempre resultados positivos à criança, além de oferecer inúmeras oportunidades educativas, tais como desenvolvimento corporal, estímulos à criatividade, socialização e cooperação. Partindo desse pressuposto, apresentamos o coronavírus para as crianças de forma lúdica, através da pintura e da brincadeira.

As atividades que foram realizadas tiveram como objetivo facilitar às crianças o entendimento sobre como o Covid-19 e também outros microrganismos se transmitem com facilidade por meio do contato físico. Em um prato raso, pedimos para que as crianças colocassem um pouco de tinta guache da cor de sua preferência e, em seguida, molhassem somente as pontas dos dedos, dizendo que a tinta guache representa o vírus. Depois de ter as pontas dos

FOTOS: Divulgação/Santa Catarina



Atividade sobre a transmissão da Covid e outros microrganismos

manchados pela tinta. Auxiliadas por nós, pedimos que cada criança desse um aperto de mão em quem estava ao seu lado e observassem a mão da outra pessoa, que também ficou manchada. Também foi realizada a brincadeira musical “cabeça, ombro, joelho e pé”, para assim que a criança pudesse observar os lugares que ficaram manchados de tinta guache, como o nariz, a boca e os olhos. Concluímos o aprendizado, demonstrando que a única forma de se livrar das manchas é lavando muito bem as mãos com água e sabão e as partes do corpo que ficaram manchadas.



Crianças demonstraram interesse e curiosidade pelas atividades

As crianças demonstraram interesse e curiosidade ao realizar as atividades, pois é possível ver o resultado a partir das fotos e do envolvimento das famílias durante todo o tempo, não só no campo do conhecimento pedagógico, mas pela oralidade e pela percepção visual e espacial ao identificar o vírus.

Reinventando o fazer pedagógico

Ana Paula Maggioni, professora

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. (...) Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar.” (Eclesiastes, 3: 1 e 5). Se há um tempo para tudo, neste ano de 2020 descobrimos que é tempo de se reinventar.

Como educadores, estamos em constante atualização. Porém, quando uma situação inédita surge, com ela nos vemos diante de um desafio, o de desacomodar-se. Sentimentos como insegurança e ansiedade dão espaço à ação, afinal, profissionais da educação possuem também essa capacidade: adaptar-se.

Assim, entre muitas reflexões e discussões em equipe, conhecer e/ou aprimorar o uso das tecnologias foi e continua sendo objeto de estudo, visando à qualidade do ensino oferecido. Tal elasticidade no trabalho docente possibilita aprendizagens significativas, as quais refletem nas aulas oferecidas, mantendo a firmeza de sabermos que, mais do que cumprirmos o ano letivo, é preciso perceber o aluno e sua família como fundamentais no processo da construção do ser humano, estando atentos às suas angústias e aos seus anseios diante da pandemia que se apresenta.

Esse desafio de ensinar em tempos atípicos deve ser encarado como uma forma de crescimento, como muitos profissionais da educação têm feito, tendo como exemplo a equipe do Colégio Santa Teresinha, a qual, em conjunto com a Rede Notre Dame, redefiniu suas práticas educacionais.

Dessa forma, redesenhando o ano letivo de forma responsável, mantendo o foco no aprendizado do aluno, sem deixar de considerar os aspectos emocionais e espirituais que norteiam a educação ND, encerramos este ano com a certeza de que a missão de educar perpassa as barreiras tecnológicas quando o propósito está claro. E, voltados ao objetivo maior da formação do ser humano, o retorno à escola torna-se possível, de maneira parcial, comprometida com o bem-estar de cada elemento que compõe o âmbito escolar. Não temos convicção do

que virá daqui para frente, pois tempos de incertezas pairam em nossas vidas.

Mas sim, sabemos que o abraço não foi dado, que a convivência foi interrompida, que os corredores ficaram vazios, que a saudade virou lágrima. Entretanto, a busca pelo conhecimento é mantida, os sonhos continuam, o amor permeia todo o trabalho cotidiano e, acima de tudo, compreendemos que somente juntos podemos construir propósito.

FOTOS: Divulgação/Santa Teresinha



Equipe busca aprimorar o uso das tecnologias



Ano letivo redesenhado com foco no aprendizado

Irmã Juliana: Trabalho e dedicação em busca da realização da vontade do Criador

Tamires Hoff



1998 – Profissão Perpétua

Trabalhar junto à natureza, acolhendo as pessoas, cuidando dos animais e plantas, num ambiente tranquilo, longe da loucura dos grandes centros. É assim que Irmã Juliana Peripolli Rossato, de 50 anos, define o seu trabalho no Sítio Notre Dame, em Nova Santa Rita. O local é dirigido por ela desde 2016 e oferece espaços para lazer, hospedagem, eventos e momentos de espiritualidade. “Aqui no sítio o desafio é oferecer ambientes agradáveis, alimentação simples, mas de qualidade. Atender a todos com carinho e deixá-los à vontade para realizarem bem suas atividades. Ter o espaço acolhedor para sentirem a presença de Deus junto à natureza.”

Na Congregação de Irmãs de Nossa Senhora Aparecida, há 26 anos, o ingresso foi motivado pela missão de testemunhar a bondade e o amor providente de Deus. De família pequena, nascida em Júlio de Castilhos, durante a infância trabalhava com os pais em casa e nas lavouras. “Brincava nos poteiros. Corria, subia em árvores, brincava de boneca”, relembra a religiosa.

Estudou até a 5ª série na escola da comunidade, onde eram ofertadas várias séries numa mesma sala de aula. “Por ser interior do Estado e não ter escola próxima, parei de estudar e trabalhava nos afazeres com a família”, revela. Em 1988, após decidir seguir a vida religiosa, ingressou no juvenato em Ivorá. Dois anos depois, seguiu para Canoas, onde ingressou no postulante. Após morar na casa de formação, em Nova Santa Rita, fez os primeiros votos religiosos e, em seguida, retornou a Canoas, onde fez o curso Magistério e auxiliava nas atividades da cozinha.

Ela passou pela Escola Estrela do Mar, em São Lourenço do Sul, lugar em que ficou dois anos, depois

regressou, em 1998, para Canoas, ano em que iniciou a graduação em Ciências Contábeis. Após formada, São Lourenço do Sul voltou a ser a casa dela, local em que ajudava na contabilidade, mas também contribuía no cuidado com as crianças. No setor financeiro, ela trabalhou em Canoas, antes da ida para o Sítio ND.

É do sítio que saem muitas das delícias famosas na Rede Notre Dame. São produtos naturais, desde bolachinhas e pães, passando por bolos, cucas, doces, rapaduras, capelettis, entre tantos outros produzidos por uma equipe responsável pelos produtos coloniais. “É difícil descrever o segredo das nossas delícias, mas tudo é feito com amor, dedicação e carinho. É gostar daquilo que se faz, gostar da instituição e ser competente.”

Irmã Juliana sente felicidade no trabalho e revela não pensar em parar de trabalhar tão cedo. “Enquanto minhas forças físicas permitirem, quero continuar servindo à Congregação e aos que precisarem de mim”, diz.



2004 – Na tesouraria da Escola Estrela do Mar

Estar a serviço do Reino de Deus faz da Irmã uma pessoa realizada, como ela conta. “A oração na minha vida tem um sabor de encontro e busca da vontade do Criador. Cuido do ambiente para que outros também possam usufruir do espaço e refaçam suas forças para a caminhada.”

Elhonara Ribeiro: Paixão por ensinar também trouxe muitos aprendizados para a educadora

Tamires Hoff



Elhonara é responsável pelo Laboratório de Informática da escola

A transformação digital que impacta a maioria dos setores afeta também a educação. Aos professores, traz diversos desafios, como ressalta a professora de Informática da Escola Santa Catarina, Elhonara Diniz Ribeiro, de 56 anos. “O maior desafio do professor é manter-se atualizado, fazer uso das tecnologias educacionais e dos equipamentos eletrônicos na sua prática educativa diária”, analisa Elhonara e

destaca a necessidade de extrair destes recursos maneiras de agregar qualidade às aulas, tornando-as também mais atrativas.

O incremento de iniciativas voltadas para a inovação em sala de aula reflete na criatividade e estimula os alunos, segundo a professora. “Me encanta a motivação dos alunos diante do uso das tecnologias, das pesquisas inovadoras, da realização de trabalhos de diversos temas e componentes curriculares que envolvam as tecnologias digitais.”

Depois de atuar como agente administrativo em uma empresa federal da área da saúde, Elhonara ingressou na Escola Santa Catarina, há 26 anos. “Comecei como professora de Matemática e Ciências, para suprir uma licença gestante, e, em abril de 1995, fui efetivada para ministrar aulas no laboratório de informática para as séries iniciais”, conta. Hoje, a professora de Informática também é a pessoa de referência em Santa Maria, responsável pela comunicação entre as coordenações regionais e nacional do Programa Escolas Associadas da Unesco (PEA UNESCO), que tem objetivo de estabelecer uma rede internacional de escolas que trabalhem por uma cultura de paz e outros problemas contemporâneos, como a sustentabilidade, a multiculturalidade e a preservação do patrimônio.

Casada com Ademir de Azevedo Ribeiro e com dois filhos, Guilherme Diniz Ribeiro, de 32 anos, e Juliana Diniz Ribeiro, de 27 anos, ambos estudantes na escola Santa Catarina até o término do Ensino Fundamental, Elhonara atribui à escola um dos momentos mais emocionantes que vivenciou junto à família. “Lembro de uma homenagem de Dia das Mães em que fui convidada a participar num final de tarde. A entrada era pela portaria da escola. Fomos conduzidas a subir as escadas da escola e, quando chegamos no início da subida, as crianças estavam nas beiradas das escadas até o último andar. Começaram a cantar a música do Roberto Carlos ‘Como é grande o meu amor por você.’ Para mim, foi uma surpresa e uma grande emoção que guardarei para sempre”, relembra.



Ingressou na Escola Santa Catarina há 26 anos

Fazer parte da instituição também trouxe muitos aprendizados que, segundo ela, vão além do profissional. “Educar é uma troca constante, é um aprendizado. Aprendo muito com os colegas, com os alunos e com as famílias, diariamente. Fazer parte da Rede Notre Dame é fortalecer nossos valores como seres humanos e cidadãos atuantes na sociedade.”

Mesmo quando chegar a aposentadoria, Elhonara tem planos de continuar trabalhando como educadora. A professora cita Santa Júlia como uma inspiração e destaca uma frase com a qual se identifica e que tem um significado especial para ela: “Coloquem o Bom Deus à frente dos sonhos seus. Momento por momento nos conduzirá.”

Núcleo de Pedagogia Notre Dame

Equipe pedagógica da Escola Estrela do Mar

Atualmente, vivemos em um mundo em que as máquinas e as mais diversas tecnologias são inerentes à rotina de todos, e as relações demonstram-se, muitas vezes, frágeis e vazias. Além disso, fazemos parte de uma era em que todos estão conectados e têm acesso à informação de forma rápida. Portanto, em nossas escolas, faz-se necessário, com frequência, repensar as metodologias de ensino para que aquilo que a instituição oferece seja significativo para os alunos, desperte sua curiosidade e vontade de aprender.

O papel social de agente transformador da sociedade que cabe à escola, e, no que diz respeito ao ensino de conteúdos, é ela que tem a responsabilidade de levar os estudantes a serem grandes profissionais no futuro, embora isso esteja ligado a uma tarefa cada vez mais difícil: a humanização dos indivíduos. Um trabalho fundamentado nos valores, que conduza nossas crianças e nossos jovens a um pensamento que estimule a autoestima, a resiliência e a empatia, de forma sensível, valorizando a ética e o respeito nas relações com o mundo que os cerca, torna-se um grande diferencial da Rede Notre Dame. São esses valores, fundamentados em bondade, firmeza e competência que reflete a educação como proposta de humanização, pois Júlia Billiard, mãe Espiritual da congregação que deu origem à Rede, tinha uma visão universal do processo educacional, demonstrando compreender a complexidade do desenvolvimento humano e preocupando-se em atingir a formação integral de cada indivíduo, o que, em sua concepção, segundo Aires (2007), significa “[...] preocupação com o todo: consciência, realização, afetividade, escolhas, colaboração com os outros, aceitação de responsabilidade, interferência positiva na sociedade em que vive”.

Desta forma, a pedagogia ND acredita que, desenvolvendo no ser humano tais características, despertará cada sujeito para uma visão diferenciada da sociedade em que vive, podendo, assim contribuir com sua liderança desenvolvida de forma ética e inovadora, sendo capazes de solucionar problemas, agregar ideias e trabalhar em equipe.

Ainda de acordo com AIRES, 2007,

Júlia pensa a educação como um processo individual de crescimento da criança e também como um processo social que requer paciência e maturidade. Processo social como vínculo que se estabelece entre as gerações no que se refere ao indispensável sentido de pertença a um grupo.

Educar, na visão de Júlia e, portanto, da Rede Notre Dame, significa não apenas preparar-se para a vida, mas, além disso, vivenciar na escola aquilo que será encarado no dia a dia, sempre tendo como base as relações que estabelecemos em sociedade, os aprendizados e o crescimento que elas nos trazem, o que Vivette (2007) nos apresenta como conceito de educação ao citar que esta [...] é um meio de dirigir uma pessoa a um nível moralmente mais elevado e mais rico, é uma realidade definitivamente muito influenciada por outra pessoa”. (VIVETTE, 2007, p. 312-313 apud CIA, p. 114-115)

Logo, pode-se dizer que a pedagogia ND acredita no poder de transformação que a educação oferecida tem no mundo e, se escola e professores têm um papel de agentes transformadores a cumprir, que seja, então, “humanizando” os cidadãos em formação, a fim de que sejam bem resolvidos com relação a si mesmos e capazes de perceber e respeitar a presença e a importância de tudo e de todos ao seu redor, aliando ensino de qualidade, com ética, respeito e eficiência nos seus processos e relações que estabelecem.

REFERÊNCIAS:

AIRES, Ir. L. M. G. Júlia e a educação – Uma mulher à frente do seu tempo. Conferência Internacional de Educação Notre Dame, Canoas, p. 161 – 176, 2007.

VIVETTE, Ir. M. Visão geral dos encontros educacionais congregacionais, 1950, 1983 e 1993. Conferência Internacional de Educação Notre Dame, Canoas, p. 307-320.

“Escutar é um ato de amor”

O Projeto Escutar é um ato de amor foi uma iniciativa nossa – Gisele Viegas, Júlia Schneider, Thaís Hardt e Maria Eduarda Ferrari – com o apoio do Grêmio Estudantil do Colégio Maria Auxiliadora (GEMA). A ideia do projeto surgiu durante uma conversa entre amigas, no início do mês de agosto, em que compartilhamos as nossas experiências durante o isolamento social e comentamos o quanto este período estava afetando o psicológico e o emocional das pessoas.

O projeto ganhou o nome “Escutar é um ato de amor”, pois a intenção era promover um espaço de fala e escuta, em que pudéssemos abordar assuntos relevantes relacionados à saúde mental e à prevenção ao suicídio. Inicialmente, tínhamos a proposta de colher depoimentos de alunos que tivessem algum tipo de doença psíquica, a fim de que pudessem falar a partir do ponto de vista de quem convive com estas doenças diariamente. Os depoimentos seriam em formato de texto, escrito pelos próprios alunos e de maneira voluntária. O movimento foi nomeado “Transforme dor em arte”, inspirado no livro “Os Bastidores de Emma”, da escritora Bruna Tessuto.

Como a ideia foi muito bem aceita pelos alunos da escola, resolvemos promover lives, no estilo bate-papo, para ficarmos mais próximos do nosso público. A nossa primeira live foi “Ações e palavras: a dor e a cura”, conduzida por Thaís Hardt, com a participação especial da atriz e escritora Bruna Agra Tessuto, ex-aluna do Colégio Maria Auxiliadora, formada em Artes Cênicas pela UFRGS e escritora do livro “Os Bastidores de Emma.” No livro, a personagem principal, “Bea”, intérprete da personagem Emma, é expulsa às vésperas da apresentação final, que seria seu trabalho de conclusão de curso na faculdade, o que bagunça totalmente a sua vida e faz com que ela conheça a Depressão e o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). O livro é baseado em um episódio real da vida da autora. Convidamos a Bruna para contar um pouco mais sobre a sua história.

A segunda live, “Saúde Mental e Física: Autoestima e Transtornos Alimentares”, foi conduzida por Júlia Schneider, com a participação especial da nutricionista e professora de Educação Alimentar, Verônica Chincoli. Na live, foram abordados assuntos como



Intenção do projeto era promover um espaço de fala e escuta anorexia, bulimia, compulsão alimentar, estereótipos que a mídia nos impõe como padrão de beleza, busca constante por um “corpo ideal” e relação entre saúde mental e física.

A terceira live, “Saúde mental: Psicoterapia e seus tabus”, conduzida por Gisele Viegas, teve a participação especial do estudante em psicologia da PU-CRS e ex-aluno do CMA, Henrique Alles. No bate-papo, foram abordados assuntos como a prevenção ao suicídio, a automutilação, as caricaturas e a generalização das doenças psíquicas e a importância de procurar ajuda especializada.

A live “A Maratona da vida: O tempo e a autocobrança no Ensino Médio” finalizou as lives de setembro e foi conduzida por Maria Eduarda Ferrari, com a participação da Psicóloga Flávia Assmann. Na conversa, foram abordados os temas sobre autoestima intelectual, motivação nos estudos domiciliares e o surgimento de doenças psíquicas no isolamento.

Todas as lives foram divulgadas e transmitidas no Instagram @gemacma, e, no encerramento do Setembro Amarelo, nós, idealizadoras, fizemos um vídeo comentando sobre o propósito de tudo que tinha acontecido durante o projeto “Escutar é um ato de amor”. Ao final do projeto, com o retorno recebido, tivemos um forte sentimento de “missão cumprida”, com a certeza de que foi uma experiência única e inesquecível.

**Juntos
construímos**

propósito

Formação integral do aluno

 /redenotredame

 @redenotredame

 nd.org.br |  51 3462.8600

 Av. Guilherme Schell, 5888 - Canoas - RS



NOTRE DAME

